

ANÁLISE DAS PALAVRAS DE ORIGEM TUPI QUE SE REFEREM A BEBIDAS NOS DICIONÁRIOS FORNECIDOS PELO PNLD (2012) PARA O ENSINO MÉDIO

ANALYSIS OF TUPI WORDS THAT REFER TO DRINKS IN THE DICTIONARIES OF PNLD (2012) FOR HIGH SCHOOL

Nunes Xavier Silva 1
Ana Cláudia Castiglioni 2

Professor da Secretaria Estadual de Educação de Goiás - Seduc. 1
Doutorando em Ensino de Língua e Literatura na Universidade Federal do Tocantins – UFT (2020), Campus Araguaína.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9773724703032848>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7308-7798>.
E-mail: nunessofia@hotmail.com

Doutora em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista 2
Júlio de Mesquita Filho, Campus de São José do Rio Preto/SP. Professora
Adjunta da Universidade Federal do Tocantins - UFT.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5000874598736048>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4322-2191>.
E-mail: anacastiglioni@uft.edu.br

Resumo: Este artigo discute a importância dos dicionários escolares como ferramentas eficazes no processo de ensino aprendizagem. No Brasil as escolas públicas recebem dicionários, que são catalogados de acordo com o ano/série de cada educando e divididos em quatro categorias: Tipo 1 – 1º ano do Ensino Fundamental; Tipo 2 – entre o 2º e o 5º ano do Ensino Fundamental; Tipo 3 – entre o 6º e o 9º ano do Ensino Fundamental; Tipo 4 – Ensino Médio. O objetivo deste artigo é analisar nomes de bebidas cujos significantes são de origem Tupi, suas entradas e microestruturas presentes nos dicionários do Tipo 4, aprovados no PNLD 2012. O estudo é alicerçado no Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi (CUNHA, 1999), a partir do qual são analisados o Dicionário Houaiss Conciso (HOUAISS, 2011); o Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (BECHARA, 2011); o Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (GEIGER, 2011); o Dicionário UNESP do Português Contemporâneo (BORBA, 2011). No levantamento ficou evidenciado que algumas palavras que figuram no dicionário de Cunha (1999) não foram encontradas nos outros dicionários e que as definições poderiam dar maior clareza em relação ao significado para os educandos do Ensino Médio.

Palavras-chave: Dicionários Escolares. Língua Tupi. Língua Portuguesa. Léxico.

Abstract: This article discusses the importance of school dictionaries as effective tools in the teaching-learning process. In Brazil, public schools receive dictionaries, which are cataloged according to the year/grade of each student, they are divided into four categories: Type 1 – 1st year of Elementary School; Type 2 - between the 2nd and the 5th year of Elementary School; Type 3 - between the 6th and 9th grade of elementary school; Type 4 – High School. The objective of this article is to analyze the names of beverages, whose signifiers are of Tupi origin, their entries and microstructures present in the Type 4 dictionaries, approved by the PNLD 2012. The study is based on the Historical Dictionary of Portuguese Words of Tupi Origin (CUNHA, 1999), from which is analyze the Concise Houaiss Dictionary (HOUAISS, 2011); the Portuguese Language Dictionary Evanildo Bechara (BECHARA, 2011); the New Aulete Contemporary Dictionary of the Portuguese Language (GEIGER, 2011); the UNESP Dictionary of Contemporary Portuguese (BORBA, 2011). In the survey, it was evidenced that some words that appear in Cunha's dictionary (1999) were not found in any of the dictionaries, the definitions could be of greater clarity in relation to the meaning for high school students.

Keywords: School Dictionaries. Tupi Language. Portuguese Language. Lexicon.

Introdução

A família linguística Tupi-Guarani é constituída de aproximadamente quarenta línguas fortemente relacionadas, com uma distribuição geográfica bastante ampla na América do Sul. De acordo com Melo (2000) seus atuais limites de abrangência são o litoral do Brasil (leste), as margens do Amazonas na fronteira Brasil-Peru (oeste), sul da Guiana Francesa (norte), sul do Brasil e Paraguai, e norte da Argentina (sul). Entende-se que a semelhança entre as línguas sugere uma expansão com grande rapidez, principalmente no sul e no litoral do Brasil.

De acordo com Melo (2000), o conjunto de dialetos do extremo leste do Brasil, denominado com o termo geral Tupinambá, já se encontra extinto, embora existam remanescentes de alguns grupos indígenas que falavam essas línguas – os Potiguares, localizados no estado brasileiro da Paraíba (região Nordeste do Brasil) e os Tupiniquins do estado do Espírito Santo (região Sudeste do Brasil).

A língua Tupi, já extinta, foi fortemente documentada no período do Brasil Colônia, com finalidades comerciais e religiosas, e denominada de Língua Brasília. Muitos a consideravam “a língua mais falada da costa do Brasil”.

Nessa perspectiva, sociedade e cultura levam à reflexão sobre a importância do léxico para compreender as transformações ocorridas na língua com o passar dos tempos, uma análise diacrônica que compreende as transformações sofridas pelo léxico. Este é a parte mais sensível de uma língua, por meio do qual é possível perceber várias transformações que ocorrem num sistema linguístico. Ele pode ser definido com base em diferentes abordagens teóricas (CUMPRI, 2012, p. 42).

O léxico de uma língua pode ser considerado o conjunto de vocábulos de que ela dispõe, um sistema aberto, dotado de um número indefinido de componentes, ao contrário dos sistemas gramaticais, que são grupos fechados (MATTOSO CÂMARA, 1991, *apud* BORGES, 1998). Conforme esclarece Carvalho (1989), por ser a menos sistemática das estruturas linguísticas, o léxico depende da realidade exterior, não linguística. Segundo o autor, sua ampliação pode se dar através de dois processos: a) a criação de novos itens lexicais a partir de elementos da própria língua e b) a adoção e adaptação de itens lexicais de outras línguas, ou seja, os empréstimos.

O léxico não é somente um apanhado de palavras, é mais amplo, pois está contido na língua e na cultura de um povo. O significado de uma palavra vai além de um simples verbete no dicionário, ele transmite o pensar, o ver e o sentir de uma dada comunidade linguística, definição que alarga o horizonte a respeito da compreensão do léxico, pois mostra sua constante transformação, seja de sentido ou de escrita ao longo do tempo. Com essa mudança, vem todo o contexto histórico situacional de um povo, um grupo, uma comunidade linguística. É o patrimônio vocabular de uma comunidade, é o rico acervo intangível de um povo.

Há vários estudiosos que ressaltam a indissociabilidade entre léxico e gramática, assim como cumpri (2012, p. 41), que afirma: “a significação linguística só se dá graças a uma força motriz, que é a articulação entre léxico e gramática”. A esse respeito, Santos (2009) esclarece que a língua possui uma lexicogramática, um *continuum* entre os dois sistemas, e que alguns itens lexicais passam por um processo de gramaticalização e alguns itens gramaticais passam por um processo de lexicalização. Essa associabilidade faz com que léxico e gramática formem um *continuum*, um amparando o outro.

Considerações sobre a lexicografia, a lexicologia e o dicionário

Quando se trata de Lexicografia, Lexicologia e dicionário, logo se compreende que é complexo defini-los, uma vez que dialogam e, ao mesmo tempo, diferem entre si. As definições são unânimes quanto à importância dessa tríade para a compreensão do léxico. Guerra e Andrade (2012) afirmam que o objeto de estudo que a Lexicologia tomou para si é complexo, pois engloba saberes diversos. Portanto, os estudos relacionados à Lexicologia vão além.

Por meio de diferentes estudiosos, como Sapir e Whorf, a Lexicologia recorre a diversas áreas do conhecimento como a Antropologia, a Sociologia e a Semântica para refletir sobre

a noção de palavra. Constroem-se, assim, saberes teóricos relevantes para embasar o ensino do léxico e do vocabulário (GUERRA; ANDRADE, 2012, p. 232-233).

Assim, percebe-se o quanto a Lexicologia é dinâmica quanto à origem dos significados, pois transita por várias áreas, valorizando saberes diversos.

A Lexicografia, por sua vez, está pautada na descrição das palavras da língua. Um dicionário é o resultado da Lexicografia, pois nele está um conjunto selecionado de palavras, ilustradas com variadas informações.

Sua finalidade é explicar a forma mais adequada possível do funcionamento lexical do falante. A lexicografia é uma das disciplinas que se ocupam desse tema, assim como dos princípios da elaboração de dicionários (REIS, 2010, p. 176).

Portanto, a Lexicografia é vista como uma ciência que tem fundamentação teórica e metodológica, alicerces para se chegar a um produto final, o dicionário. Este, segundo Krieger (2004/2005, p. 107), é um “livro de referência ou lista de palavras (normalmente em ordem alfabética) que traz consigo informações sobre estas unidades léxicas, tais como: significado, pronúncia e, em alguns casos, equivalentes em outras línguas”.

De acordo com a pesquisa feita para este artigo sobre o dicionário, muitos estudiosos apontam que há uma confusão quando se relaciona o léxico com seu significado (semântica), pois muitos confundem dicionário com enciclopédia, com vocabulário. Assim, pode-se definir que o lexicógrafo, aquele que produz os dicionários, faz estudos constantes na busca de maior compreensão e definição sobre a entrada dos léxicos em seus dicionários. Ferreira (2005) evidencia que há muitas críticas sobre alguns modelos de dicionários, entre estes o dicionário alfabético.

O dicionário em uso escolar

Cabe ressaltar a importância do Programa Nacional do Livro Didático e Dicionário (PNLD), um dos maiores programas de livros didáticos gratuitos do mundo, criado em 1985 pelo Ministério da Educação do Brasil. Os livros didáticos atendem às disciplinas que integram os currículos da base comum, tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio. Desde 2001 o Programa contemplou a Lexicografia com dicionários, num primeiro momento para o Ensino Fundamental e, em seguida, para o Ensino Médio.

A escolha dos livros didáticos e dos dicionários que fazem parte das escolas públicas brasileira é complexa, com etapas que as editoras e o MEC devem cumprir. Num primeiro momento, é lançado o edital apresentando todas as normativas e exigências quanto ao atendimento e à confecção dos livros e dos dicionários. Quando as obras estão prontas, o MEC lança edital para a contratação de professores da rede pública de ensino e das universidades, etapa que dura vários meses para uma análise minuciosa. O requisito necessário para fazer parte da equipe é ter o título de mestre numa das áreas de cada componente curricular na qual o professor se inscreve para analisar a obra. No último PNLD, previu-se a formação de duplas cegas geridas por um coordenador de equipe que supervisiona quatro professores, o que corresponde a duas duplas cegas.

O processo de análise de cada obra caminha da seguinte forma: cada professor faz a análise da obra, logo após as duplas se reúnem para chegar a um acordo sobre se a obra será aprovada ou não, processo gerido pelo coordenador da equipe. Se aprovada, a obra atenderá às necessidades elencadas durante a correção; se for reprovada, a dupla e o coordenador de equipe devem fazer uma justificativa sobre sua reprovação.

O uso do dicionário em sala de aula perdura anos, mas a metodologia utilizada para seu uso por muitos professores ainda é muito precária, pois um grande número deles usa o dicionário escolar apenas quando os alunos não sabem o significado das palavras e outros, quando retiram do texto algumas palavras que os educandos provavelmente não sabem, fazendo uma

pequena lista e levando-os a buscarem o significado dessas palavras para uma melhor interação com o texto.

Portanto, o uso do dicionário como instrumento didático amplia o conhecimento e auxilia a desenvolver muitas competências necessárias ao aprendizado. Porém, nem sempre costuma ser explorado devidamente na escola, isto é, fora algumas consultas eventuais e sem muita criticidade quanto às definições, exemplos apresentados, muito raramente analisa-se a origem das palavras, explica-se a utilização do referido instrumento ou ainda discute-se os aspectos discursivos, ideológicos e históricos presentes no mesmo (TULLIO; ZAMARIANO, 2011, p. 192).

Portanto, o uso do dicionário escolar deve ser revisto por vários educadores, na busca de uma análise mais direcionada e efetiva sobre os seus usos em sala de aula.

Krieger (2004/2005, p. 241) ressalta que “o uso do dicionário em geral limita-se ao domínio do manejo da ordem alfabética, a uma olhada rápida no conteúdo, a uma simples conferência sobre a existência ou não de alguma palavra ou sintagma, e em geral, a sua grafia”. A afirmação da autora evidencia o quanto o uso do dicionário ainda é precário em nosso dia a dia, pois um grande número de educadores o utiliza apenas para significantes e significados, sem maior compreensão de sua estrutura.

Desse modo, considerando-se o número de informações as quais podem ser exploradas através do dicionário, torna-se incontestável sua importância como instrumento didático – uma vez que se configura como um instrumento auxiliar para o desenvolvimento de competências elementares para todo o aprendizado (TULLIO; ZAMARIANO, 2011, p. 195).

Portanto, podemos concluir que o uso do dicionário como instrumento didático é necessário para uma maior compreensão do educando quanto à importância do léxico para seu processo de aprendizagem, pois com sua compreensão o aluno irá desmistificando palavras e refazendo significados em seu dia a dia.

Análise das obras

Os dicionários oferecidos às escolas públicas brasileiras estão classificados em quatro modalidades, atendendo às necessidades de cada faixa etária, de acordo com série/ano em que o estudante está matriculado, nos termos definidos pelo MEC:

- Tipo 1 – para o 1º ano do Ensino Fundamental;
- Tipo 2 – para o período entre o 2º e o 5º ano do Ensino Fundamental;
- Tipo 3 – para o segundo segmento entre 6º e 9º ano do Ensino Fundamental;
- Tipo 4 – para o Ensino Médio.

A análise deste artigo abarca quatro dicionários direcionados aos alunos do Ensino Médio, Tipo 4, de todas as unidades de ensino públicas do Brasil que contam com a modalidade do Ensino Médio. Trata-se das seguintes obras: 1) Dicionário Houaiss Conciso (HOUASSIS, 2011), com 41.243 verbetes; 2) Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (BECHARA, 2011), com 51.210 verbetes; 3) Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (GEIGER, 2011), com 75.756 verbetes; 4) Dicionário Unesp do Português Contemporâneo (BORBA, 2011), com 58.237 verbetes.

Para subsidiar e alicerçar esta análise, será usado o Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi (CUNHA, 1999), com prefácio de Antônio Houaiss. Para elencar as palavras analisadas foi feita uma leitura minuciosa da obra citada. Nesse exemplar encontram-se os nomes de bebidas no português brasileiro de origem Tupi. No Quadro 1, são listadas as palavras selecionadas para a análise – nomes de bebidas – e em quais dicionários elas foram encontradas.

Quadro 1. Nomes de bebidas em Tupi

| Nomes de bebidas de origem Tupi | Dicionário Unesp | Dicionário Evanildo Bechara | Dicionário Novíssimo Aulete | Dicionário Houaiss Conciso |
|---------------------------------|------------------|-----------------------------|-----------------------------|----------------------------|
| CAIÇUMA | X | | X | X |
| CAJUADA | | X | X | X |
| CATIMPOEIRA | | | | |
| CAXIRI | X | | X | |
| IMBUZADA | | X | | |
| MANIPUEIRA | | | | |
| NANAUÍ | | | | |
| PAIAURU | | | | |
| PARATI | X | X | X | |
| TIQUARA | | | | |
| TIQUIRA | X | | | |

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

No Quadro 2, apresentam-se as palavras selecionadas e seus significados encontrados no Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi, de Antônio Geraldo da Cunha (1999). Esclarecemos que quatro dessas palavras não foram analisadas – catimpoeira, nanauí, paiauru e tiquara –, pois não as encontramos nos quatro dicionários de língua portuguesa referidos. Ressaltamos que três desses vocábulos têm formação híbrida (LP + LT): imbuizada, cajuada e catimpoeira

Quadro 2. Palavras de origem Tupi que designam bebidas e seus significados

| Nomes de bebidas de origem Tupi | Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi |
|---------------------------------|--|
| CAIÇUMA | s.f. Var. 8 caecuma, 9 caiçuma [< T. ? Bebida indígena] |
| CAJUADA | s.f. [<caju + -ada]. Refresco de caju |
| CATIMPOEIRA | s.f. [< T. ?]. Espécie de bebida indígena à base de aipim fermentado. |
| CAXIRI | s.m. Var.: 8-9 coxiri, 9 cachirí [< ? T.]. Iguaria indígena preparada com beiju diluído em água; espécie de licor extraído da mandioca por fermentação. |
| IMBUZADA | s.f. Var.: 8 ambuzada, 9 umbisada [< imbu + -z- + -ada]. Iguaria preparada com a polpa e o suco do imbu, leite e açúcar. |

| | |
|------------|---|
| MANIPUEIRA | s.f. Var.: 6 manepoeira, 8-9 manipueira; ß.8 maniquera [< T.mani'puera < ꝑma'ni (< mani'íua 'mandioca'+ 'puera 'que já foi'~ A var. maniquera (pronunciada maniquêra / mani'kuêra /) parece provir de uma forma evoluída do tupi: ꝑ mani'kuera]. Líquido venenoso extraído da mandioca ralada e utilizado pelos indígenas para o preparo de uma espécie de vinho. |
| NANAUÍ | s.m. Var.: 6, 8 nanauy, 7 nanavy [< T. nana'í ~ VLB II. 146: Uinho de uuas = Caoÿaya. Caoÿete. Caoÿimuãna (...). Nanaig, uinho de ananazes (...)]. Bebida fermentada que os indígenas preparam com o ananás; vinho de ananás. |
| PAIAURU | s.m. Var.: 8 paiauarú [< T. ?]. Bebida fermentada que os indígenas preparavam com a farinha de mandioca e sumo de frutas. |
| PARATI | s.m. Var.: 9 paraty [< Parati 'cidade do estado do Rio de Janeiro' < parati1]. Aguardente; cachaça fabricada originariamente em Parati. |
| TIQUARA | s.m. Var.: 7 ticuara, tiquara, 8 tiquára [< T. ꝑti'kuara]. |
| TIQUIRA | s.f. Var.: 8 tiquíra [< T. t i'kíra VLB I. 149: Gota, ou goteira de qualquer licor = Tigqigra]. Aguardente de mandioca. |

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Como se observa nessa descrição, conforme o dicionário utilizado as entradas das palavras são por classes gramaticais e, em seguida, são ampliadas para etimologia, fonética e fonologia.

De acordo com Ferreira (2005), as entradas são constituídas por microestruturas, construções internas dos verbetes do ponto de vista gramatical, semântico e pragmático. Assim, constata-se que as entradas são alicerces para o entendimento semântico e gramático dos léxicos.

Nas entradas dos dicionários analisados, segue-se a indicação gramatical: substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, pronome, artigo, conjunção, preposição, numeral e interjeição. Ficou evidenciado nesta pesquisa, conforme o Quadro 1, que nenhum dos dicionários contém todas as doze palavras encontradas no Dicionário Tupi.

Quadro 3. Nomes de bebidas de origem Tupi e seus significados de acordo com cada dicionário

| Nomes de bebidas de origem Tupi | Dicionário Unesp | Dicionário Evanildo Bechara | Dicionário Novíssimo Aulete | Dicionário Houaiss Conciso |
|---------------------------------|---|--|---|---|
| CAIÇUMA | cai-çu-ma (orig. duv.) s.f. bebida indígena feita de batata e mandioca. | | (ca:i:çu.ma) Bras. s.f. 1 Bebida indígena fermentada, feita de milho ou frutos da Amazônia. 2 PA Cul. Molho de tucupi espessado com fécula de mandioca [F.: Posv. Do tupi]. | |
| CAJUADA | | (ca-ju-a-da) s.f. Nome que se dá ao refresco e ao doce de caju [De cajju + -ada.]. | (ca.ju:a.da) s.f. 1 Refresco ou doce feito com caju. 2 Fig. Coisa ou situação confusa, agitada, tumultuada; BALBÚRDIA, TUMULTO [F.: cajá + -ada.]. | s.f. Bras. refresco ou doce de caju [ETIM Tupi: caju + -ada]. |

| | | | | |
|-------------|---|---|--|--|
| CATIMPOEIRA | | | | |
| CAXIRI | Ca-xi-ri (orig. duv.) s.m. aguardente de baixo teor alcoólico, que se obtém mediante fermentação de mandioca. | | (ca.xi.ri) Bras. s.m. 1 Bebida feita com beiju diluído em água. 2 Licor fermentado, extraído de mandioca. 3 Pop. Cachaça, aguardente. | |
| IMBUZADA | | (Im-bu-za-da) s.f. Bras. N. Cul. Iguaria preparada com o suco ácido e saboroso da polpa do fruto do imbuzeiro, misturado com o leite coalhado. | | |
| MANIPUEIRA | Ma-ni-pu-ei-ra (Tupi) s.f. (Reg. S e NE) suco leitoso de mandioca ralada, obtido por compressão e usado no preparo de aguardente. | | (ma.ni.pu.ei.ra) s.f. Bras. N. NE. MG Líquido venenoso que se extrai da mandioca ralada e de que se faz uma espécie de aguardente [O molho tucupi é feito desse líquido, depois de evaporado o veneno, ao sol ou ao fogo.] [F.: Do tupi mandí'pwerá.]. | |
| NANAUÍ | | | | |
| PAIAURU | | | | |
| PARATI | pa-ra-ti s.m. (coloq.) aguardente de cana; cachaça; pinga: Vim buscar dinheiro para eu beber meu parati. | (pa-ra-ti) s.m. 1 Bras. Cachaça produzida em Parati (RJ) e, p.ext., qualquer cachaça. 2 Bras. Zool. Peixe (Mugil curema) das costas africanas e brasileiras. [Do Tupi]. | (pa.ra.ti) s.m. Bras. Cachaça fabricada em Parati (RJ), e por extensão qualquer cachaça [F.: Do tupi. Parati.]. | |
| TIQUARA | | | | |
| TIQUIRA | Ti-qui-ra (Tupi) s.f. aguardente de mandioca: As tiquiras analisadas apresentaram teores médios de aminoácidos. | | | |

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Nossa análise parte da premissa de que todos os dicionários têm sua complexidade e singularidade, embora muitas pessoas acreditem que todos eles são iguais, que são obras compilatórias, acumulando vocábulos ano após ano. Nesse sentido, Krieger (2004/2005, p. 105) esclarece que “existem grandes distinções entre os dicionários, quer pelo registro e tratamento dos dados lexicais, gramaticais e os diferenciados enfoques semânticos, quer pelas marcas ideológicas que contêm como qualquer outro texto”.

Esta análise parte de dicionários escolares Nível 4, destinados ao Ensino Médio, nos quais todas as entradas são elaboradas pensando-se no acesso do aluno. Desse modo, os dicionários escolares ganham roupagens diferentes de acordo com a faixa etária e série/ano que o educando está cursando. A esse respeito, Krieger (2004/2005) acrescenta:

A errônea ideia de que os dicionários [...] não se diferenciam está também, em muito, vinculada à arraigada concepção de que a organização de uma obra lexicográfica corresponde a uma simples tarefa compilatória, que se resume a reunir dados já estabelecidos e convencionados socialmente. Nessa perspectiva, trata-se apenas de sistematizar as informações coletadas, apresentando-se sob a forma do código dicionarístico, convencionado pelas entradas ortográficas e a organização interna dos verbetes (KRIEGER, 2004/2005, p. 105).

A produção de dicionários tem sua intencionalidade, eles não são elaborados com base em suposições subjetivas, todos se baseiam em estudos e fundamentações teóricas ao longo da pesquisa lexicográfica. Assim, Forgas-Berdet (1996, p. 75) afirma: “A produção do dicionário não é uma produção inocente, nem pode sê-lo”. Tal afirmação evidencia que há um ser que busca uma escrita singular e dialógica com o contexto histórico no qual está inserido.

Todos os dicionários analisados são organizados em ordem alfabética, como a maioria daqueles encontrados nas unidades de ensino. Num primeiro momento, observou-se que as microestruturas iniciais dos dicionários Unesp, Evanildo Bechara e Novíssimo Aulete são feitas por separações silábicas, enquanto as do dicionário Houaiss Conciso concentram-se na definição das palavras.

Conforme a Tabela 3, verifica-se que algumas palavras de origem Tupi não tiveram sua etimologia apresentada na microestrutura. No Dicionário Unesp, encontramos cinco dessas doze palavras, e em duas são evidenciadas suas etimologias: *manipueira* e *tiquira*. No Dicionário Evanildo Bechara, encontramos três palavras, das quais apenas a palavra *parati* tem sua etimologia. No dicionário Novíssimo Aulete, encontram-se cinco palavras, e em três são mencionadas as etimologias em sua microestrutura: *caçuma*, *manipueira* e *parati*. Por fim, no dicionário Houaiss Conciso está registrada uma das palavras, e com etimologia tupi: *cajuada*.

A etimologia da palavra é importante para melhorar a compreensão do educando do Ensino Médio em relação à aprendizagem do léxico e sua origem. Com base na atividade de ensino de Língua Portuguesa do Ensino Médio, é possível comprovar que a origem da palavra estimula os educandos a pesquisarem novas palavras, a fim de compreenderem seus usos, sua origem ou se existiu uma escrita diferente da atual. Torna-se prazeroso tanto para o educando quando para o professor trabalhar com os dicionários em sala de aula.

Nesta análise, constata-se que as microestruturas dos dicionários Unesp e Evanildo Bechara são bem concisas, os significados são fixados de forma direta, com apenas uma remissiva. Apenas a palavra *parati*, no dicionário Evanildo Bechara, apresenta duas remissivas.

Por sua vez, os dicionários Novíssimo Aulete e Houaiss Conciso apresentam em suas microestruturas mais de uma remissiva, e no dicionário Novíssimo Aulete, no qual são encontradas seis palavras, quatro contam com duas ou mais remissivas. É importante evidenciar que as escolhas das palavras e seus significados no texto dependem da contextualização do léxico escolhido. A esse respeito, Vidal, Bernardino e Pontes (2014, p. 21) afirmam que:

Conscientizar o leitor de que é importante saber que os dicionários tomam decisões diferentes em relação à escolha das palavras que constituem seus enunciados, posto que os

exemplares de dicionário, do mesmo tipo, possuem estilo próprio. Por isso, é necessário que o leitor saiba buscar a informação compreensível no dicionário adequado as suas necessidades e ao seu grau de instrução.

Portanto, convém ressaltar que é de extrema importância a escolha correta das palavras e seus significados dentro do contexto, pois as escolhas são de quem escreve o texto, e por isso é necessário conhecer o significado dos vocábulos para atingir com eficácia o entendimento do texto.

Os dicionários Novíssimo Aulete e Houaiss Conciso trazem a fonética na microestrutura de algumas palavras, como em *manipueira* no dicionário Novíssimo Aulete. A fonética estuda os aspectos físicos envolvidos na produção do som e analisa e descreve os sons da fala (fones) como entidades isoladas. Por isso, são de suma importância para o educando compreender mais a pronúncia das palavras. Contudo, conclui-se que os dicionários devem dialogar de forma direta com o educando para suprir sua necessidade momentânea.

Considerações Finais

Em síntese, ressalta-se que o uso dos dicionários escolares é muito importante para os alunos da rede pública de ensino. Conforme evidenciado neste trabalho, como mediadores de conhecimento os professores concordam plenamente com sua importância para o desenvolvimento cognitivo do educando.

A análise dos dicionários trazida nesta discussão evidencia que as obras direcionadas aos alunos do Ensino Médio têm algumas lacunas que podem ser melhoradas, como: o número verbetes por obra; as microestruturas mais elaboradas, contendo mais remissivas que possam despertar nos educandos novas descobertas de significados; por fim, uma análise fonética e fonológica para o professor de Língua Portuguesa trabalhar em sala de aula. Foi notório que as palavras que designam nomes de bebidas indígenas, em geral, não estão inseridas nas obras – o dicionário Houaiss Conciso, por exemplo, continha apenas uma das doze pesquisadas.

Portanto, pensar o dicionário é ir além, pois suas potencialidades no ambiente escolar mostram que, no passado, ele era visto como uma ferramenta estática, na prateleira ou na biblioteca da escola, e só era utilizado quando não se sabia o significado da palavra. Contudo, o dicionário está em constante transformação, palavras são inseridas, neologismos surgem e são incorporados, termos de outros idiomas chegam ao nosso dia a dia e logo são incorporados, portanto ele é um instrumento que representa de forma brilhante a língua de um povo.

Referências

BECHARA, E. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BORBA, F. S. (org.). **Dicionário Unesp do Português Contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BORGES, M. V. O empréstimo como mecanismo de ampliação lexical. **Revista do Museu Antropológico - UFG, Goiânia**, v. 2, n. 1, p. 135-150, jan.-dez. 1998.

CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios).

CUMPRI, M. L. Algumas reflexões sobre léxico e gramática. **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 2, v. 2, n. 1, p. 41-50, jan.-jul. 2012.

CUNHA, A. G. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 5. ed. São Paulo; Brasília: Melhoramentos; Editora UnB, 1999.

DAPENA, J-A. P. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco Libros, 2002.

FERREIRA, V. R. S. **Estudo lexical da língua matis**: subsídios para um dicionário bilíngue. 2005. 226 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2005. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270233/1/Ferreira_VitoriaReginaSpanghero_D.pdf. Acesso em: 8 fev. 2021.

FORGAS-BERDET, E. Lengua, sociedad y diccionario. In: _____. (org.). **Léxico e dictionarios**. Tarroana: Universitat Rovira i Virgili. 1996. p. 71-90.

GEIGER, P. (org.). **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

GUERRA, M. M.; ANDRADE, K. S. O Léxico sob Perspectiva: contribuições da lexicologia para o ensino de línguas. **Domínios de Lingu@gem** - Revista Eletrônica de Linguística. v. 6, n. 1, p. 226-241, 29 jun. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/14573/9648>. Acesso em: 8 fev. 2021.

HERNÁNDEZ, H. De la teoría lexicográfica al uso del diccionario: el diccionario en el aula. In: CONGRESO NACIONAL DE ASELE: el español como lengua extranjera: de la teoría al aula, 3., 1991, Málaga. **Actas [...]**. Málaga, 1991. p. 189-200. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/03/03_0187.pdf. Acesso em: 9 fev. 2021.

HOUAISS, A. (org.). **Dicionário Houaiss conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

KRIEGER, M. G. Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e critérios de escolha. **Revista Língua & Literatura** (URI), Frederico Westphalen, RS, v. 6-7, n. 10-11, p. 101-112, 2004-2005.

_____. Políticas públicas e dicionários para escola: o Programa Nacional do Livro Didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. **Cadernos de Tradução** (UFSC), v. 2, n. 18, p. 235-252, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6950>. Acesso em: 26 fev. 2021.

MELLO, A. A. S. **Estudo histórico da família linguística Tupi-Guarani**: aspectos fonológicos e lexicais. 2000. 292 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

REIS, A. K. O. As interfaces das disciplinas do léxico. **Revista Dialogia** (Uninove), São Paulo, v. 9, n. 2. p. 173-179, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/2630/1991>. Acesso em: 28 jan. 2021.

SANTOS, A. de S. Léxico da língua Wapichana: um olhar sobre os empréstimos da língua portuguesa. **Revista Prolíngua**. João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 13-23, jan.-jun. 2009.

TULLIO, C. M.; ZAMARIANO, M. Olhares: dicionário escolar ou dicionário de uso escolar? **Revista Investigações - Linguística e Teoria Literária** (UFPE), v. 24, n. 2, p. 189-206, jul. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1322>. Acesso em: 1 fev. 2021.

VIDAL, R. M. B.; BERNARDINO, R. A. S.; PONTES, A. L. (org.). **Produção e ensino de texto em diferentes perspectivas**. V. 1, Natal: Edições UERN, 2014.